

GUERNICA*

Fernando Arrabal

Tradução de ROBERTO DE CLETO

Personagens: FANCHOU — um velho basco
LIRA — uma velha basca
Também tomam parte na ação:
UMA MULHER acompanhada de sua filha
de 10 anos
UM JORNALISTA
UM ESCRITOR
UM OFICIAL

Durante dez segundos, ouve-se o ruído de botas das tropas marchando. Depois o bombardeio, barulho de aviões, explosão de bombas. A cortina se abre no momento em que cessa o bombardeio. Interior de uma casa destruída: paredes em ruínas, destroços, pedras. FANCHOU está ao lado de uma mesa, com ar desesperado.

FANCHOU — Meu tesouro, meu coelhinho (*Mexe num monte de escombros sem encontrar nada*). Meu coelhinho, onde é que você está? (*Continua a procurar*).

VOZ DE LIRA, *lamentosa* — Querido.

FANCHOU — Você acabou de fazer pipi?

LIRA, *só a voz* — Não posso mais sair. Estou prêsa. Desabou tudo.

FANCHOU *sobe com dificuldade na mesa a fim de ver LIRA. Fica na ponta dos pés. Consegue vê-la e fica satisfeito.*

FANCHOU — Olha para mim. (*Tenta ficar na ponta dos pés*).

LIRA — Você está aí?

FANCHOU — Vá se mexendo devagar, meu tesouro. (*Ruído de desmoronamento*).

LIRA, *gemendo como criança* — Ai... ai...

FANCHOU — Você se machucou? (*Pausa. FANCHOU fica ansioso*).

LIRA, *lamentando-se* — Machuquei... Tôdas as pedras caíram em cima de mim.

FANCHOU — Tente se levantar.

LIRA — Não vale a pena, não vou conseguir sair.

FANCHOU — Faça um esforço.

LIRA — Diz que você ainda me ama.

FANCHOU — Claro que sim, você sabe muito bem. (*Pausa*) Você vai ver... Quando você sair daí vamos fazer uma porção de bandalheiras.

LIRA — É isso. (*Satisfeita*) Você é sempre o mesmo. *Ruído de aviões. As bombas começam a cair durante alguns segundos. Cessa o bombardeio.*

FANCHOU — Caíram mais pedras em cima de você?

LIRA — Não. E em você, meu tesouro?

Pertence a Luiz Soares.

09.05

FANCHOU — Também não. Faça um esforço para sair daí.

LIRA — Não posso. *(Pausa)* Olhe se êles derrubaram a árvore.

FANCHOU *desce com dificuldade da mesa. Dirige-se para a esquerda e vai afastando um monte de escombros. Aparece parte da janela.* FANCHOU olha por ela. *Ar de contentamento. Volta. Torna a subir.*

FANCHOU — Não derrubaram, não. Ela continua de pé. *(Pausa)*

LIRA, *lamenta-se* — Que é que eu vou fazer?

FANCHOU — Tente se levantar devagar, bem devagarinho.

LIRA — Não posso.

FANCHOU — Faça um esforço.

LIRA — Vou tentar.

FANCHOU, *lentamente* — Mas, vá devagar... assim, bem devagar.

Ouve-se ruído de coisa caindo. Gemido choroso de Lira.

FANCHOU — Você se machucou? *(Silêncio)* Que é que aconteceu? Diga qualquer coisa. Você se machucou? *(Nôvo gemido)* Você se machucou de verdade?

LIRA, — Machuquei. *(Lamentando-se como criança)* Caíram pedras em cima do meu braço, tá saindo sangue.

FANCHOU — Está saindo sangue?

LIRA — Está.

FANCHOU — Muito?

LIRA — É, muito.

FANCHOU — É um arranhão ou uma ferida?

LIRA — Um arranhão, mas com muito sangue.

FANCHOU — Vou buscar o algodão.

Êle procura nos escombros, mas caem cada vez mais coisas. Pára de procurar e sobe outra vez na mesa.

FANCHOU — Não chore mais. Põe um pouco de cuspe no braço e depois amarra o lenço.

Gemido de LIRA. Entram o JORNALISTA E O ESCRITOR. O JORNALISTA tem um bloco de notas, o ESCRITOR, curioso, faz uma volta em tórno de FANCHOU e o examina atentamente. De repente, pára no meio da cena.

ESCRITOR, *ao jornalista* — Pode acrescentar que estou preparando um romance, talvez, até um livro sôbre a guerra civil espanhola. *(Com segurança)* Êste povo heróico e tão paradoxal, no qual se reflete o espírito dos poemas de Lorca, dos quadros de Goya e dos filmes de Buñuel, nos prova, nesta guerra atroz, sua coragem, sua capacidade de sofrimento e...

O ESCRITOR E O JORNALISTA *saem pela esquerda. A voz do ESCRITOR se perde na distância.*

FANCHOU — Você está se sentindo aliviada?

LIRA — Um pouco. *(Pausa. Chorosa)* Mas não muito.

FANCHOU — Quer que eu te conte uma história, para você se sentir melhor.

LIRA — Você não sabe contar.

FANCHOU — Você quer que eu conte aquela da mulher que estava no banheiro e ficou presa debaixo dos escombros? *(Pausa)* Não gosta dessa?

LIRA — Estou sentindo muita dor.

FANCHOU — Vai passar, você vai ver. Vou imitar um palhaço para você rir.

FANCHOU *dança desajeitadamente e faz todo tipo de caretas. Depois estoura de rir.*

FANCHOU — Gostou?

LIRA — Eu não posso te ver.

Ruído de aviões. Bombardeio. Durante êsse tempo uma mulher e sua filha pequena atravessam a cena da direita para a esquerda, com ar irritado e impotente. (Ver quadro de Picasso). Cessa o bombardeio.

FANCHOU — Não aconteceu nada com você, meu coelhinho? *(Pausa longa)*

LIRA — Querido, estou muito mal. Vou morrer.

FANCHOU — Você vai morrer? *(Pausa)* Vai morrer de verdade? Quer que eu previna a família?

LIRA, *aborrecida* — Que família?

FANCHOU — Não é assim que se diz?

LIRA — Você não tem memória mesmo. Já não se lembra que não tenho mais família?

FANCHOU — Ih, é mesmo! *(Pausa)* E o Zelito?

LIRA — Onde é que você tem a cabeça? Esqueceu que êle foi fuzilado em Burgos?

FANCHOU — Você não pode dizer que a culpa foi minha. Eu bem te disse que não queria menino. Um

dia vem a guerra e eles morrem. Se tivesse sido menina, agora, a casa estava arrumada.

LIRA — É isso, sempre reclamando. A culpa também não é minha.

FANCHOU — Meu coelhinho, não fique zangada. Eu não queria te aborrecer.

LIRA — Você nunca tem pena de mim.

FANCHOU — Tenho sim. Se você quiser, quando você sair daí eu te faço outro, só para mostrar que não sou rancoroso.

LIRA — Você não pode mais.

FANCHOU — É assim, não é? Agora diz que não sou mais homem.

LIRA — Não é isso, mas você não pode mais...

FANCHOU — Não posso mais? Você é a única que diz isso. Já não se lembra mais de sábado?

LIRA — Que sábado?

FANCHOU — Que sábado você queria que fôsse? Vai me dizer agora que esqueceu.

LIRA — Já começa a se gabar.

FANCHOU — Não estou me gabando. É a pura verdade, mas você não quer reconhecer. *(Pausa)*.

LIRA — Vai ver outra vez se eles derrubaram a árvore.

FANCHOU desce da mesa e vai até a janela. Por trás dela aparece um oficial. Os dois se olham sérios, durante um bom momento. FANCHOU abaixa a cabeça, temeroso. O OFICIAL ri sem alegria, enquanto brinca com um par de algemas. FANCHOU, de cabeça baixa, fecha a janela. Volta com ar assustado e torna a subir na mesa.

LIRA — E então? *(Pausa)* Então? Ainda está em pé?

FANCHOU — Não sei.

LIRA — Como é que não sabe?

FANCHOU — Não pude ver.

LIRA, *queixosa* — É isso, estou aqui sem poder sair, peço a você para olhar se eles derrubaram a árvore e nem isso você quer fazer.

FANCHOU — Eu não pude.

LIRA, *queixosa* — Está bem, como quiser.

FANCHOU desce da mesa. Aproxima-se, teme-

roso, da janela. Abre com ansiedade. Olha para fora. Volta e torna a subir na mesa. Fica na ponta dos pés, com ar contente.

FANCHOU — Ela ainda está de pé.

LIRA, *orgulhosa* — Bem que eu disse. *(Uma pausa, depois, com grande tristeza)* — Mas me ajude um pouco. Não me deixe sozinho.

FANCHOU — Que é que você quer que eu faça?

LIRA, *queixosa* — Você não dá um jeito? Como você mudou. Bem se vê que não me ama mais.

FANCHOU — Amo sim, meu coelhinho. Tente se levantar, estica o braço, vou tentar segurar você.

FANCHOU se estica o mais que pode, tentando passar o braço por cima dos escombros. Enquanto está tentando segurar a mão de Lira, o OFICIAL entre pela direita e fica olhando para ele, que está de costas.

FANCHOU — Faça um esforço. Estica um pouco mais que eu seguro. Um pouco mais. Assim, assim...

FANCHOU está na ponta dos pés. O Oficial o empurra para trás, derrubando-o. O OFICIAL sai imediatamente pela direita. Fanchou se levanta com dificuldade. Olha à direita, o OFICIAL aparece na janela, ri sem alegria, brincando com as algemas. FANCHOU olha aterrorizado para a janela. No momento em que seus olhares se cruzam, o OFICIAL pára de rir e de brincar com as algemas. Os dois se olham seriamente. FANCHOU abaixa a cabeça. O OFICIAL recomeça a rir e a brincar com as algemas. Finalmente, desaparece. FANCHOU levanta a cabeça, e olha em direção da janela. Ar de alívio.

LIRA — Ai... ai... Porque você me largou.

FANCHOU — Eu escorreguei. Você se machucou, meu coelhinho?

LIRA — Caíram mais pedras em cima de mim. Ai...

FANCHOU — Me desculpe.

LIRA — Não posso contar com você.

FANCHOU — Pode sim. Vou te fazer uma surpresa: um presente.

FANCHOU tira do bolso um barbante e uma bola da borracha azul, que ele enche com a bôca e amarra com o barbante. Depois pega uma pedra e amarra na outra extremidade do barbante.

FANCHOU, *todo contente* — Pega essa pedra que eu vou jogar. (*Joga a pedra por cima da parede*) Segurou?

LIRA — Segurei.

FANCHOU — Agora puxa o barbante.

LIRA *puxa o barbante e a bola fica em cima dela.*

FANCHOU — Olhe para cima. Está vendo?

Barulho de aviões. Bombardeio. Zoada ensurdecedora. Durante esse tempo, passam da direita para a esquerda a mulher e a filha. Empurram um carrinho de mão onde está uma caixa na qual se pode ler "dinamite". Ar irritado e impotente. Cessa o bombardeio.

FANCHOU — Meu coelhinho! (*Pausa. Inquieto*) Meu coelhinho!

A bola sobe e desce.

FANCHOU — Não te aconteceu nada? (*A bola sobe e desce*) Diga qualquer coisa. (*Longo silêncio*) Você não quer me dizer nada? Está zangada comigo? A culpa não é minha. (*Pausa*) Se dependesse só de mim... (*Pausa*) Não fui eu que destruí as casas. (*Satisfeito*) Eles não conseguiram derrubar a árvore. (*De repente*) Você está zangada para sempre? (*Silêncio*) É assim que você me ama. Está bem, faça o que quiser. (*Olha resolutamente para o outro lado, com ar indiferente. Cruza os braços*) Você me ouviu? Faça o que quiser, para mim tanto faz. (*Pausa*) Depois não venha dizer que sou eu que começo e que tenho mau gênio. Desta vez está bem claro: eu não fiz nada, é você que não quer falar comigo. Senti quando você começou dizendo que não pude, no sábado, e agora você se recusa a falar comigo. (*Pausa*) Você não quer nem mexer com a bola? (*FANCHOU se vira para olhar. A bola sobe e desce lentamente.*) Ah, madame não pode falar! Madame está cansada, madame se digna apenas a mexer com a bola. Deixa estar que você vai ver. (*Pausa*). Mas diga alguma coisa, diga o que quiser, mesmo que seja maldade, mas diga alguma coisa. (*Longo silêncio*) Está bem.

FANCHOU *fica de novo zangado. Olha para o outro lado, de braços cruzados. À direita, entram novamente o escritor e o jornalista, sempre com o bloco de notas. FANCHOU, assustado, se esconde debaixo da mesa. O escritor o vê e o examina, impedindo-o de se mexer.*

ESCRITOR, *ao Jornalista* — Como este povo é complexo e doloroso. Diga isso: não, diga que a complexidade deste povo doloroso floresce de uma maneira espontânea nesta guerra fratricida e cruel. (*Ar satisfeito*) Não está mal, não é? (*Hesita*) Não, não, suprima essa frase. Muito enfática. É preciso encontrar algo definitivo e mais sóbrio. (*Reflete*) Vou encontrar, vou encontrar. (*FANCHOU continua debaixo da mesa, assustado. O ESCRITOR e o JORNALISTA saem à esquerda. Ouve-se a voz do ESCRITOR que se perde à distância*) Que romance vou fazer de tudo isso! Que romance! Ou quem sabe uma peça de teatro e até um filme. E que filme!...

LIRA — Com quem é que você estava falando?

FANCHOU — Ah, madame encontrou a língua. Não está mais muda. Pois bem, saiba que agora sou eu que não quero mais falar.

LIRA, *queixosa* — Querido, estou muito mal... me sentindo muito mal. Você não tem pena de mim!

FANCHOU — Que é que está acontecendo: você está doente?

LIRA — Não vê que estou toda coberta de pedras e que não posso mais me mexer?

FANCHOU — Já não me lembrava.

LIRA — Você nunca se lembra de mim.

FANCHOU — É mesmo. Vou dar um nó na ponta do lenço.

LIRA — Que é que vai acontecer com você sem mim? Você não tem cabeça.

FANCHOU, *com raiva, fanfarrão* — Você sempre diz isso. Pois bem, vou me casar com outra. Eu ainda provoço paixões. Se você visse como a padeira me olha todas as manhãs quando vou buscar o pão.

LIRA — É isso. Agora, você me engana com a primeira lambisgoia que aparece. Eu bem sabia que não podia confiar em você.

FANCHOU — É ela que me olha. Eu a ignoro.

LIRA — Isso é o que você diz. Eu só queria ver.

FANCHOU — Eu não fiz nada, te juro.

LIRA — Juras de bêbado. Você também jurou que ia me levar numa viagem de lua-de-mel.

FANCHOU — Não esqueci. Logo que a guerra acabar, a gente parte. Vou te levar a Paris.

LIRA — É isso, Paris. O senhor quer se divertir.
FANCHOU — Vê como você é: nunca concorda comigo.
LIRA, *queixosa* — Ai... as pedras continuam a cair em cima de mim.
FANCHOU — Machucou muito? (*Lira geme*) Ah, essa história de guerra é muito chato!
LIRA — Faz alguma coisa por mim.
FANCHOU — Que é que você quer?
LIRA — Chama um médico.
FANCHOU — Foram todos levados embora.
LIRA — Diga de uma vez que você não quer fazer nada por mim.
FANCHOU — Mas você não percebe que estamos em guerra?
LIRA — Nós não fizemos mal a ninguém.
FANCHOU — Isso não conta. Depois você diz que sou eu quem não se lembra de nada. Você já esqueceu como são as coisas?
LIRA — Podia fazer uma exceção para nós, que somos velhos.
FANCHOU — Que é que está pensando? A guerra é um negócio sério. Bem se vê que você não tem instrução.
LIRA — É isso, agora começa a falar mal de mim. Diga logo que não me ama.
FANCHOU, *terno* — Meu coelhinho, eu não quis te aborrecer.
LIRA — Você não quis me aborrecer, mas aborrecceu. Como você mudou! Antes, você era cheio de cuidados comigo.
FANCHOU — E agora também.
LIRA — E esse negócio de instrução. Você acha que não tenho amor próprio?
FANCHOU — Mas eu falei só por falar.
LIRA — Então, retira o que você disse.
FANCHOU — Retiro.
LIRA — De coração.
FANCHOU — É, juro.
LIRA — Sobre o que?
FANCHOU — Como sempre.
LIRA — Está bem. Mas não vai recomeçar. (*Pausa*)

FANCHOU — Você não pode se levantar um pouco para tentar sair?
LIRA — Quando eu mexo, as pedras começam a cair.
FANCHOU — É preciso fazer alguma coisa.
Barulho de aviões. Bombardeio. Durante este tempo, a mãe e a filha passam da direita para a esquerda, carregando fuzis de caça. A bola de Lira arrebenta. Cessa o bombardeio.
LIRA, *queixosa* — Eles arrebentaram minha bola.
FANCHOU — Estúpidos! Atiram de qualquer maneira, sem fazer pontaria.
LIRA — Eles fizeram de propósito.
FANCHOU — Não, é que eles atiram sem fazer pontaria, sem prestar atenção.
LIRA — São estúpidos mesmo! Primeiro, derrubam nossa casa e, agora, ainda por cima arrebentam minha bola.
FANCHOU — Eles são impossíveis.
LIRA — Vai ver se eles acertaram a árvore.
FANCHOU desce da mesa e vai até a janela. Por fora, aparece o OFICIAL. FANCHOU olha para ele. O OFICIAL olha seriamente para FANCHOU e este, assustado, abaixa a cabeça. Riso sem alegria do OFICIAL, que brinca com as algemas. O OFICIAL desaparece. FANCHOU levanta a cabeça e não vê ninguém. Enfia, cautelosamente, a cabeça pela janela. Olha a árvore. Ar satisfeito. Risos à direita, por trás dele. Ele se vira e aparece a cabeça do OFICIAL, que logo desaparece. FANCHOU, assustado, não sabe o que fazer. Riso à esquerda, FANCHOU se vira, aparece a cabeça do OFICIAL e desaparece. FANCHOU, assustado, não sabe o que fazer. Risos à direita, depois à esquerda, depois à direita. FANCHOU, aterrorizado, não mexe mais. O OFICIAL entra à direita, com ar sério e observador. Parece estar muito preocupado com FANCHOU, não pára de examiná-lo, ao mesmo tempo em que tira do bolso um sanduiche embrulhado em papel de jornal e começa a morder o pão. Coloca-se perto de FANCHOU, que se afasta dele. O OFICIAL torna a se aproximar e FANCHOU tenta, timidamente, se afastar. O OFICIAL continua colado a ele até encurralá-lo num canto. FANCHOU não pode mais se mexer. Tem os olhos fi-

tos no chão. O OFICIAL impede sua passagem abrindo os cotovelos, e continua a mastigar o sanduíche. Longo silêncio.

LIRA — Que é que você está fazendo? (Fanchou, impossibilitado de se mexer, não responde) É isso, agora você me deixa sôzinha. (O OFICIAL, impassível, morde o sanduíche sem se afastar de FANCHOU. Lira, terna) Vem, meu coelhinho. (O OFICIAL pára de comer e faz uma careta, como se fôsse rir, mas sem ruído, mostra os dentes. FANCHOU, envergonhado abaixa ainda mais a cabeça. O OFICIAL pára de rir e recomeça a comer) Você está zangado? (Pausa) Está contente? (O OFICIAL pára de comer e faz uma careta como se fôsse rir sem ruído. Mostra todos os dentes, FANCHOU, envergonhado abaixa ainda mais a cabeça. O OFICIAL pára de rir e recomeça a comer.) Eu sei que você ainda faz sucesso com as mulheres... especialmente com a padeira. (Mesmo jôgo do OFICIAL, que, finalmente, embrulha o que resta do sanduíche. Limpa cuidadosamente a bôca com a manga do paletó de FANCHOU. Esfrega as botas com as pontas do casaco de FANCHOU, depois se vira e sai de cena pela direita, com ar marcial. FANCHOU ri, alegre. Bota a língua para êle. Imediatamente se controla, com ar assustado, e olha para todos os lados. Certifica-se que ninguém o vê, bota a língua para fora e, com a mão diante do nariz, mexe os dedos. Ri, feliz, e sobe novamente na mesa.)

FANCHOU — Meu coelhinho, a árvore ainda está em pé.

LIRA — E precisou todo êsse tempo para ver?

FANCHOU — É que eu gosto de fazer as coisas bem feitas.

LIRA — Será que você não foi ver a padeira?

FANCHOU — Quem é que você pensa que eu sou? Em plena guerra, você acha que eu vou atrás de aventuras?

Bombardeio, aviões, bombas. Durante êste tempo, passam da direita para a esquerda a mulher e a filha, empurrando um carrinho de criança cheio de cartuchos até em cima. Cessa o bombardeio. Silêncio longo.

FANCHOU — Lira! (Longo silêncio)

LIRA — Que é?

FANCHOU — Porque você nunca teve amantes?

LIRA — Amantes? (Risinho breve)

FANCHOU — É, amantes. (Êle ri e se cala)

LIRA — Eu? (Risinho breve)

FANCHOU — Claro, você.

LIRA — Nunca pensei nisso.

FANCHOU — Você nunca pensa em mim. Eu podia fazer inveja aos outros. (Pausa) Você devia ter tido ao menos um. (Reflete) Um coronel.

LIRA — É isso, um coronel. É assim que você me ama.

FANCHOU — Você não acompanha a moda.

LIRA — E ainda por cima me insulta.

FANCHOU — Não, meu coelhinho, não. (Pausa. Teimoso) Mas tôdas as mulheres elegantes têm amantes. (Pausa) Você nunca quis me ajudar: quando eu tiro tua roupa para os amigos te acariciarem, você sempre faz cada feia.

LIRA — Porque me resfrio.

FANCHOU — Você sempre encontra uma desculpa.

LIRA — Você, sim, é que só pensa em você, é um egoísta.

FANCHOU — Mas eu faço por você. (Ri satisfeito: Uma boa idéia) Mais tarde você podia escrever suas memórias.

LIRA — Ai!... as pedras estão caindo outra vez em cima de mim. (Geme) Não posso mais mexer os pés.

FANCHOU — Faça um esforço.

LIRA, queixosa — Eles estão enterrados.

FANCHOU — As coisas estão se complicando.

LIRA — É só isso que você achou para dizer. Você nunca se preocupa comigo.

FANCHOU — Não, eu estou muito preocupado. (De repente) Quer que eu chore?

LIRA — Já sei que você que você quer me pregar uma peça.

FANCHOU — Não é não. Se eu quiser, posso chorar de verdade.

LIRA — Eu te conheço. Para você tanto faz que eu morra.

FANCHOU — Você é que está dizendo. Quando você morrer eu... (reflete) vou dormir três vezes seguidas com você.

LIRA — Está se gabando outra vez.

FANCHOU — Você já esqueceu?

LIRA, *interrompendo, chateada* — Já sei, já sei...
aquêlé famoso sábado quando...

FANCHOU, *aborrecido* — Depois você vai dizer que
sou eu que não sou gentil com você.

Nôvo desmoronamento.

LIRA — Ai... ai... (*ela se lamenta cada vez mais*)
Vou morrer mesmo.

FANCHOU — Você quer que eu chame um padre?

LIRA — Que padre?

FANCHOU — Não é assim que se diz?

LIRA — Você não tem memória mesmo: esqueceu
que nós não acreditamos mais?

FANCHOU, *assustado* — Quem? Nós?

LIRA — Mas foi você quem decidiu. Não se lem-
bra mais?

FANCHOU, *que não se lembra* — Ah!

LIRA — Você disse que, assim, nós seríamos...
(*Pausa, com ênfase*) mais evoluídos.

FANCHOU, *surpreso* — Evoluídos? Nós?

LIRA — Claro.

FANCHOU — Estamos em maus lençóis: agora, você
vai morrer e vai para o inferno.

LIRA — Pra sempre?

FANCHOU — Claro que é pra sempre. E os su-
plícios! Você vai passar por cada uma! Ele sabe fa-
zer as coisas direito.

LIRA — Ele, quem?

FANCHOU — Ora, Deus.

LIRA, *risinho breve* — Deus?

FANCHOU — É. Deus. (*Riso breve, os dois riem tí-
midamente, em coro. Bombardeio. Ruído de aviões e
bombas que explodem. Durante êsse tempo passam
da direita para a esquerda a mãe e a filha carregando
um saco cheio de munições variadas. Cessa o bom-
bardeio.*)

LIRA — Ai... ai...

FANCHOU — Que foi que aconteceu?

LIRA — Não vou poder sair daqui nunca mais.

FANCHOU — Não perca as esperanças.

LIRA — As pedras estão me cobrindo até a cin-
tura.

FANCHOU — Não se preocupe. Você vai ver, vou
descobrir um modo de te soltar.

LIRA — Não tem jeito.

FANCHOU — A culpa é tua: é essa mania que você
tem de ler no banheiro. Você fica horas e horas aí.
O que te aconteceu não me espanta nem um pouco.

LIRA — Tudo que acontece é sempre por minha
culpa.

FANCHOU — Também não precisa ficar assim, eu
não quis te aborrecer.

(*Silêncio*)

LIRA — Por que êles demoliram a casa?

FANCHOU — É preciso repetir sempre a mesma coi-
sa. (*Separando as sílabas*) Êles estão experimentando
bombas explosivas e incendiárias. Depois você diz que
sou eu que não tenho cabeça.

LIRA — E êles não podiam experimentar em outro
lugar?

FANCHOU — Você vai dizer outra vez que eu de-
bocho de você, mas você está vendo que não tem um
pouco de instrução. Por que? Por que? Porque é
que você queria que fôsse, se não para ver se elas fun-
cionam?

LIRA — E depois?

FANCHOU — E depois? E depois? Você está se
fazendo de boba. Se a bomba mata muita gente, ela é
boa e êles fabricam mais, e se ela não mata ninguém,
é porque não presta e êles não fabricam mais.

LIRA — Ah!

FANCHOU — É preciso te explicar tudo.

LIRA, *zangada* — Não sei porque é que você fala
assim. Eu sei muito bem que não estudei tanto quanto
você.

FANCHOU, *cheio de orgulho* — Eu sei de tudo, não
é? Podia-se até pensar que eu frequentei as Faculda-
des (*Uma pausa. Contente. Uma boa idéia.*) Eu po-
dia passar por professor, não?

LIRA, *aborrecida e cética* — Claro.

FANCHOU — Você acha mesmo?

LIRA, *aborrecida, cética* — Mas claro.

FANCHOU — Assim você seria a mulher de um pro-
fessor. Na rua, as pessoas iam dizer quando a gente
passasse: "olha os professôres". (*Pausa*) Podíamos nos
fazer de importantes: ter cartão de visita e assistir a

conferências. Só me falta o guarda-chuva. Aliás, você também tem muita instrução: com tudo o que lê no banheiro!

LIRA — Vai recomeçar?

FANCHOU — Você não concorda comigo?

LIRA — Nós? Professôres?...

FANCHOU — Você nunca concorda com minha idéia. Foi sempre assim. Se você recomeçar, está bem, vou-me embora para sempre. (*Irritado*) Não quero que você viva com um homem que só diz bobagens. Adeus!

FANCHOU *se abaixa e faz barulho na mesa para dar a impressão de que está indo embora.*

LIRA — Meu querido! Não me deixe sôzinha. (*Lira geme, FANCHOU não se mexe, continua agachado*) Querido, volta! (*Silêncio longo, FANCHOU continua imóvel*) Era só brincadeira. (*Pausa*) Você sabe muito bem que eu te admiro muito. (*Longa pausa*) Você seria um professor formidável. (*Pausa*) Quando a gente ouve você falar chega a pensar que você é capitão e até mesmo antiquário. (*Pausa longa. FANCHOU fica orgulhoso*) Querido! (*Pausa*) Você me deixa sôzinha? (*Pausa*) Volta! (*Pausa longa*) Ai... Ai... (*Chora*) As pedras estão caindo outra vez.

FANCHOU, *erguendo-se ansioso* — Que é que está acontecendo, meu anjo? Você se machucou?

LIRA — Vou ficar completamente coberta. E é êste o momento que você escolhe para ir embora. Você não tem coração.

FANCHOU — Mas foi você que começou.

LIRA — Era só brincadeira.

FANCHOU — Jura que você não faz mais.

LIRA — Juro.

FANCHOU — Sôbre o que?

LIRA — Como sempre.

FANCHOU — Está bem. Espero que você não recomece.

Bombardeio, ruído de bombas e aviões. Durante êsse tempo a mãe e a filha passam empurrando um carrinho cheio de fuzis velhos. O bombardeio cessa.

LIRA — Ai... ai... Não posso mais mexer os braços.

FANCHOU — Não se preocupe. Vou soltar você.

LIRA — Mas já estou coberta de pedras até o pescoço.

FANCHOU — Não se preocupe. Você vai ver, vou dar um jeito.

LIRA — Vou morrer.

FANCHOU — Você quer que eu chame o tabelião para o testamento?

LIRA — Que testamento?

FANCHOU — Não é assim que se diz?

LIRA — Você vai recomeçar?

FANCHOU, *prosa* — Você devia fazer testamento. Eu podia mostrar aos vizinhos.

LIRA — Você só quer contar prosa.

FANCHOU — Mas é por você que eu faço isso. Tô-das as grandes damas fazem testamento. Você devia fazer o seu e preparar suas últimas palavras.

LIRA — Que últimas palavras?

FANCHOU — As que a gente pronuncia antes de morrer. Quer que eu te dê algumas idéias? Você podia falar de... (*Pensa e, depois precipitadamente*) da vida, da humanidade...

LIRA, *cortando* — Pára, você só diz besteira.

FANCHOU — Você acha que isso é besteira? Você é muito frívola.

LIRA, *queixosa* — Já recomeça a me injuriar?

FANCHOU — Não, meu coelhinho.

LIRA — Não posso mais me mexer. Mas quando é que essa guerra vai acabar?

FANCHOU — É isso, madame queria que a guerra acabasse quando bem lhe agradesse.

LIRA, *choramingando* — Será que eles não podem parar com isso?

FANCHOU — Claro que não. O general disse que não pára enquanto não tiver ocupado tudo.

LIRA — Tudo?

FANCHOU — Claro, tudo.

LIRA — Êle está exagerando!

FANCHOU — Os generais não fazem as coisas pela metade: é tudo ou nada.

LIRA — E o povo?

FANCHOU — O povo não sabe fazer guerra. E, depois, o general é muito ajudado.

LIRA — Mas assim não vale.

FANCHOU — E você acha que o general está ligando?

LIRA — Não posso mais me mexer. Se caírem mais pedras vou ficar completamente coberta.

FANCHOU — Que chateação. Não se preocupe. Você vai ver, os bombardeios vão parar.

LIRA — Para sempre?

FANCHOU — Pra sempre.

LIRA — Como é que você sabe?

FANCHOU, irritado — Você duvida de minha palavra?

LIRA — Não. (Cética) Como é que você quer que eu duvide? (Estouram três bombas. Ruído terrível. Lira chora) Querido, estou completamente coberta. Vem me soltar!

FAANCHOU — Meu coelhinho, já vou. Você vai ver, vou te soltar.

FANCHOU se aproxima e sobe nas ruínas com dificuldade. Choro de Lira.

LIRA — Dessa vez vou morrer de verdade.

FANCHOU — Não perca a coragem. Já estou indo.

FANCHOU continua avançando com dificuldade sobre as ruínas. Chega ao lugar onde está Lira.

FANCHOU — Meu coelhinho, estou aqui. Me dá a mão.

LIRA — Você não vê que estou completamente coberta de pedras.

FANCHOU — Já vou te soltar. Espere que vou te tirar daí.

Longo bombardeio. Caem mais pedras. Fanchou fica também coberto pelos escombros. Assim que termina este longo bombardeio a Mulher passa da direita para a esquerda. A Filha já não a acompanha. No ombro, ela leva um pequeno caixão. Ar irritado e impotente. (Ver quadro de Picasso) A MULHER desaparece à esquerda. Ao fundo, as paredes derrubadas deixam ver a árvore da liberdade. O bombardeio terminou. Em cena só restam ruínas. Longo silêncio. No local exato onde estavam FANCHOU e LIRA aparecem duas bolas coloridas, de borracha que sobem ao céu. Entra o OFICIAL, que atira nas bolas, sem conseguir atingi-las. As bolas desaparecem no alto. O OFICIAL continua a atirar. Do alto, ouvem-se os risos felizes de FANCHOU e de LIRA. O OFICIAL, assustado, olha para todos os lados e sai precipitadamente, pela direita. Entra o ESCRITOR sobe na mesa. Examina o local onde se achavam FANCHOU e LIRA. Ar satisfeito, desce da mesa e sai pela esquerda, quase correndo, cheio de alegria.

O ESCRITOR — Vou fazer de tudo isso um romance sensacional. Um romance magnífico! Que romance!

Sua voz se perde ao longe. Um tempo. Bem perto, barulho de botas de soldados em marcha. Ao fundo, bem baixinho, um grupo de homens canta "Gernikako arbola". O grupo se torna cada vez mais numeroso e as vozes cada vez mais fortes. Agora, é uma multidão que canta, até cobrir o ruído das botas completamente, enquanto a cortina se fecha.

P A N O

° Esta peça foi apresentada no Teatro da FEFIEG, em agosto/71. Vide Movimento Teatral.